

VIVÊNCIAS DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NAS AULAS CURRICULARES DE MÚSICA

Rodrigo Cantos Savelli Gomes

Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis

rodrigocantos@hotmail.com

Resumo: O presente texto é um relato de experiência que tem por objetivo discutir a inclusão da temática étnico-racial nas aulas curriculares de música. Apresento experiências desenvolvidas em uma escola municipal de Florianópolis que atende apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental, portanto, as atividades foram desenvolvidas de modo a contemplar a infância, fazendo uso de brincadeiras colaborativas, jogos e improvisos. A proposta teve como objetivo conhecer, ouvir e tocar os instrumentos musicais dos povos indígenas, africanos e afro-brasileiros, bem como interpretar, experimentar, criar e improvisar em conjunto, explorando diversas formações instrumentais. Através das experiências promovidas, as crianças incorporaram a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabeleceram com as músicas indígenas e africanas, com os adultos e com as outras crianças.


Palavras chave: Música e Infância; Educação das relações Étnico-Raciais; Ensino Curricular de Música.

Introdução

Este relato tem por objetivo discutir e apresentar as possibilidades incorporação dos conteúdos estabelecidos pela na LDB 10.639/03 e 11.645/08 nas aulas curriculares de música do Ensino Básico. Por meio de questionamentos e experiências compartilhadas, apresentarei as questões que movem meu pensar e agir seguidos de relatos das experiências desenvolvidas em sala de aula.

As Leis LDB 10.639/03 e 11.645/08 estabelecem que “os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras”. A menção às artes é, sem dúvida, um privilégio mas, ao mesmo tempo, uma grande responsabilidade para a área. A partir e de minha vivência como professor, costumo questionar: A área das artes tem consciência desta responsabilidade? As escolas básicas (diretores, equipe pedagógica, supervisores) estão cientes desta






responsabilidade que foi atribuída às artes? Os professores de artes que atuam em escolas básicas assumiram esta responsabilidade?

Uma das minhas preocupações ao trazer a perspectiva étnico-racial para a sala de aula tem sido as formas adequadas de trabalhar esta forma de arte. Minhas primeiras inquietações são: trata-se de um conteúdo, um assunto, um eixo, ou um tema (exótico)? Como este conhecimento étnico é produzido e transmitido em seu contexto de origem? Se cada povo tem suas próprias lógicas internas de produção e transmissão do conhecimento, então, quais seriam os riscos e problemas de encaixar esses conhecimentos étnicos nas noções ocidentais e escolarizadas de conhecimento, sociedade, cultura, história e arte? Em outras palavras, que sentido faz estudar arte indígena ou africana pela perspectiva e métodos ocidentais de arte? Parto da premissa de que trazer a concepção ocidental de arte para âmbito do discurso educativo e tomá-la com a única, ou a principal forma para o entendimento deste conhecimento étnico pode inviabilizar a compreensão do fenômeno artístico e histórico destes povos que estamos estudando, ocasionando sérios enganos e distorções. Não pretendo responder a estas questões, exponho-as porque, de certa forma, me inquietam e movem meu trabalho como professor, bem como o relato que apresento a seguir.

Relato

O presente relato traz experiências desenvolvidas no ensino curricular de Artes em uma Escola Municipal de Florianópolis durante os anos letivos de 2013 e 2014. Nesta escola há cerca de 550 alunos matriculados do 1º ao 4º ano, está localizada norte da ilha e, tal como todo o litoral catarinense, conta-se que a região foi ocupada historicamente por açorianos, apresentando ainda hoje traços característicos desta colonização. Ao menos, essa é a narrativa hegemônica, caracterizada pela tentativa de construir um estado catarinense europeu, um sul do Brasil sem negros e índios (CARDOSO, 2008; RIBEIRO, 2008). Hoje sabe-se da presença de muitos negros e índios em toda Região Sul, no litoral catarinense e, inclusive, meses atrás uma área quilombola foi reconhecida e demarcada a poucos metros desta escola. A escola aqui retratada é bastante singular na Rede Municipal de Florianópolis,





pois atende prioritariamente a infância, cerca de 80% são crianças menores de 8 anos de idade. Com a implementação do Ensino Fundamental de Nove Anos no Brasil, as crianças passaram a ingressar mais cedo na escola e permanecem mais tempo no Ensino Fundamental. Esta reestruturação implica não apenas em um deslocamento de idade-tempo, mas também se faz necessário refletir sobre as práticas educativas apropriadas aos alunos que ingressam com este novo perfil (BEAUCHAMP et. al, 2007).

Algumas ações visando esse atendimento diferenciado estão sendo implementadas por esta escola, como: adequação curricular, mobiliário, reorganização das salas de aula com livros e brinquedos, discussão sobre o tempo que a criança dedica à realização das diferentes propostas e como essa criança aprende a leitura e a escrita. Entre as ações, a mais recente foi a implementação de um espaço especialmente planejado e unificado para desenvolver as atividades de Música, Artes Visuais e Brinquedoteca, o que representou uma nova possibilidade de articular as artes e a brincadeira com o desenvolvimento infantil.

É a partir deste contexto educativo que atividades de brincar com o fazer musical indígena e africano foram pensadas e aplicadas nas aulas de Artes-Música, paralelamente aos demais eixos temáticos da disciplina. Nesta escola, as aulas de Artes-Música fizeram parte do cotidiano de 16 turmas do 1º ao 4º ano, de modo que aproximadamente 450 alunos foram atendidos em cada ano letivo aqui relatado.

Objetivos e Conteúdos

A proposta teve como objetivo conhecer, ouvir e tocar os instrumentos musicais indígenas, africanos e afro-brasileiros, estando atento as suas propriedades sonoras. Juntamente ao uso destes instrumentos¹, buscou-se interpretar, experimentar, criar e improvisar em conjunto, explorando diversas formações instrumentais. Procurou-se oferecer aos alunos mais do que a habilidade de tocar um instrumento, mas proporcionar um contato íntimo com a música de modo que este contato esteja comprometido com sua realidade sociocultural, com sua época, com seus anseios e desejos (GAINZA, 1988). Privilegiando os

¹ Alguns dos instrumentos utilizados: pau-de-chuva, caxixi, mbira, agogô, reco-reco, marimba, kabuletê, chocalhos, maracas, tambores, flauta indígena, pandeiro, bongô.



aspectos práticos antes de introduzir conceitos, atributos e os fundamentos teóricos próprios da linguagem musical, a proposta se orientou em documentos como os PCNs (1998) e a Matriz Curricular Arte da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis (2012).

Para produzir a partir dos instrumentos conhecidos e das experiências sonoras feitas com os mesmos, foram selecionadas algumas músicas inspiradas na cultura infantil, indígena, africana e afro-brasileira para trabalhar em sala de aula. Entre elas: *Lagusta Laguê*², *Enhambo mena*³, *Escravos de Jó*⁴, *Samba-Iê-Iê*⁵, *Rabo do Tatu*⁶, *Quem Dorme é o Leão*⁷, *Cantigas de Capoeira*⁸. O critério para escolha do repertório foi diversificado, entre eles: contemplar a Lei 10.639/03 e 11.645/08, contemplar o eixo temático de cada trimestre escolar (a cidade de Florianópolis; meio-ambiente; cultura e diversidade), contemplar o gosto dos alunos, contemplar músicas do universo infantil.

Para cada música foram elaborados arranjos vocais e instrumentais a partir das experiências vivenciadas anteriormente por meio de brincadeiras colaborativas, jogos e improvisos. Fazendo uso da sala especialmente planejada, sem carteiras e mesas, as crianças ficaram dispostas sempre em roda, de modo a facilitar a comunicação, bem como a rápida circulação e troca dos instrumentos. Nos arranjos foram inseridos momentos de improvisação coletiva, regência, som, silêncio, cantar, tocar, ouvir. Em geral, o professor trazia uma proposta que era experimentada e transformada pelas sugestões e intervenções das crianças após cada experimentação. Ao final, os arranjos formaram uma espécie de bricolagem das atividades, um resumo do que foi vivenciado em sala.

² Canção retirada do Material didático *Contar Cantando*, de Francisca Cavalcanti (2001). As canções falam da cultura de Florianópolis, do folclore, dos locais tradicionais, praias, bairros. Trata-se de um material próprio para a faixa etária entre 3 a 10 anos.

³ O arranjo para esta canção foi inspirado no material didático *Música africana na sala de aula: cantando, tocando e dançando nossas raízes negras*, de Lilian Abreu Sodré (2010).

⁴ O arranjo para esta canção foi inspirado no material didático *Lenga la lenga: jogos de mãos e copos*, de Beineke e Freitas (2006).

⁵ O arranjo para esta canção foi inspirado no material didático *Bateria e Percussão Brasileira em Grupo: composições para prática de conjunto em aulas coletivas*, de Paiva e Alexandre (2010).

⁶ O arranjo para esta canção foi inspirado no material didático *Lenga la lenga: jogos de mãos e copos*, de Beineke e Freitas (2006).

⁷ O arranjo para esta canção foi uma sugestão dos estagiários que atuaram comigo (Rove Bichels e Emanuel Souza) com o objetivo de trabalhar a temática africana.

⁸ Foram selecionadas as cantigas *Paranauê* e *Peixinhos do Mar*.



Exposições

Ao final de cada arranjo produzido em sala de aula, as crianças se apresentaram em locais e eventos como: mostra pedagógica da escola; festa junina; outras escolas e creches da região; abertura de seminários; festivais; teatros. Nas exposições – preferi este termo para descolar da perspectiva artístico-ocidental de apresentação, onde há uma separação estrita entre músicos e plateia – as crianças se posicionavam em roda, exatamente como em sala de aula, uma forma de socializar não só o produto final (a música), mas os modos como as crianças se relacionaram e interagiram por meio da música e como este conhecimento foi trabalhado em sala. As exposições das músicas trabalhadas em sala representaram um momento de reconhecimento, ou seja, tiveram seu conhecimento valorizado e reconhecido perante a sociedade, conferindo credibilidade às atividades artístico-escolares, aumentando, com isso, o engajamento das crianças na realização das demais atividades (BEINEKE, 2011).

Avaliação

Além de avaliar os conteúdos e a prática pedagógica, a avaliação proposta teve como meta permitir a intervenção dos alunos nas tomadas de decisões durante o processo de ensino e aprendizagem, manifestando, dessa maneira, seus pontos de vista. Desse modo, foi possível perceber que as experiências realizadas com a temática ético-racial cruzaram diferentes alunos, conteúdos, tempos e lugares. Através das experiências ali promovidas, as crianças incorporaram a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabeleceram com as músicas indígenas e africanas, com os adultos e com as outras crianças. Trataram-se de experiências não simplesmente reproduzidas, mas constantemente recriadas a partir do que as crianças traziam de novo, com o seu poder de imaginar, criar, reinventar e produzir culturas.



Referências

BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. (Orgs). *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BEINEKE, Viviane; FREITAS, Sérgio P. R. *Lenga la lenga: jogos de mãos e copos*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2006.

BEINEKE, Viviane. Aprendizagem criativa na escola: um olhar para a perspectiva das crianças sobre suas práticas musicais. *Revista da Abem*, v.19, n.26, p. 92-104, 2011.

CAVALCANTI, Francisca. *Contar Cantando: Lagusta Laguê*. Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2001.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. *Negros em Desterro: experiências de populações de origem africana em Florianópolis na segunda metade do século XIX*. Itajaí: UDESC; Casa Aberta, 2008.


GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. São Paulo: Ed. Summus, 1988.

MATRIZ CURRICULAR ARTE. Ensino Fundamental de 09 anos. Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura Municipal de Florianópolis. 2012.

PAIVA, Rodrigo Gudin; ALEXANDRE, Cleiton Rafael. *Bateria & Percussão Brasileira em Grupo: composições para prática de conjunto e aulas coletivas*. Itajaí: Edição do Autor, 2010.

RIBEIRO, Neli Goes; VICENTE, Leandra. *Estudo sobre a escolarização do negro em Santa Catarina: municípios de Itajaí, Lages, Criciúma e Florianópolis*. Itajaí: UDESC, Casa Aberta, 2008.





SODRÉ, Lilian Abreu. *Música africana na sala de aula: cantando, tocando e dançando nossas raízes negras*. Ed. São Paulo: Duna Dueto, 2010.



XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical
Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento
05 a 09 de outubro de 2015 - Natal/RN

